

apenas, envelhecerem os vícios e os órgãos. Minh'alma tem agora mais vigor do que nunca, ela triunfa por não ter mais nada em comum com o corpo.

Livre em parte desse fardo, ela se eleva, ela se projeta, ela faz com que eu chegue a duvidar da minha velhice. Ouvi-la, representa a flor da minha idade. É preciso crer, devemos gozar de sua felicidade. Para mim, na inteira calma dos meus sentidos; na diminuição dos meus desejos, eu gostaria de desenredar o que faz a idade, o que realiza a sabedoria, sem confundir os efeitos da impotência, com os da temperança, para estabelecer distinção entre as coisas que eu posso, mas não quero executar”.

“Quanto ao que me é interdito pela velhice, longe de resmungar, eu me regozijo. Eh! de que tenho eu a me queixar? Que mal me fez a natureza, tirando-me por degraus, o que poderia eu perder num só dia? É uma desgraça, direis, o sentir decompor-se, desfalecer, ou melhor, fundir-se a cada instante: porque o trespasso não destrói o homem de um só golpe. Eh! meu amigo, que morte mais feliz, que a de ser conduzido passo a passo ao término, por uma dissolução natural?

Sem dúvida, uma destruição violenta, um trespasso súbito, não é de todo mau, mas o caminho mais longo não deixa de ser o mais doce”.

As palavras de Sêneca, escritas há perto de dois mil anos, merecem hoje ser lembradas pela sabedoria e conceitos elevados que encerram. Apesar dos grandes progressos materiais realizados nestes últimos tempos, a natureza humana não mudou nada em sua essência; o homem continua a ser sempre o mesmo.

Assim, quando envelhece, procura meios para lutar contra a marcha implacável dos anos, que atinge a todos os seres vivos. Continua, pois, a cometer sempre os mesmos erros, alimentando idênticas quimeras, em busca de um objetivo inteiramente fora do seu alcance.

Rogério Bacon, em 1590, preconizava o uso do licor de ouro, de que fazia uso a condessa Desmonts, que atingira a idade de

140 anos, em plena forma. A crença nos efeitos benéficos do ouro sobre a velhice provinha da célebre lenda da Fonte da Juventude, cujas águas corriam sobre canais revestidos do precioso metal.

No século XVII, Barbereau, médico do rei, prescrevia uma receita ao alcance de todos: — Uma água contendo um grão de antimônio.

Montaleý anunciava haver descoberto um remédio milagroso — o “Mercúrio da Vida”, vendido, então, por bom dinheiro, e em grande quantidade.

Charlatães enriqueciam-se vendendo preparados compostos de banha de cães e de pó oriundo do corpo de animais que atingem a extrema velhice, tais como a águia, a serpente, o elefante, a tartaruga e a carpa. O chifre de unicórnio moído era também empregado com a mesma finalidade. A ele se atribuía a propriedade de neutralizar os efeitos de certos venenos. Galinhas eram então alimentadas com pó de ouro, antes de serem comidas.

A “fumaça de mercúrio” era também muito usada. Não poucos tomavam o “chá da vida”, inventado pelo Conde de Saint-Germain. No século XVIII, Gagliostro lançou com grande alarde o “Elixir da longa vida”, que teve grande sucesso, em virtude do renome que então desfrutava o seu descobridor.

O célebre professor alemão Hufeland, da Universidade de Iena, insistia na importância dos regimes alimentares, aconselhando a abstenção de carnes e a adoção de dieta vegetariana.

Os numerosos métodos propostos para rejuvenescer eram todos eles recebidos, a princípio, com grande entusiasmo, mas não tardavam a cair no esquecimento, dado que os resultados obtidos não passavam de efeitos puramente sugestivos, de efêmera duração.

Explica-se, destarte, o grande sucesso alcançado, nos primórdios da medicina experimental, por Brown-Sequard, célebre cientista francês, quando este, em memorável sessão de 1.º de junho de 1889, da Sociedade de Biologia de Paris, anunciou solenemente haver descoberto um novo e infalível processo de